

o jornal

Entrevista com o repórter que desmascarou Spínola

Ainda
o caso
"Stern"

"Uso os métodos da CIA e do KGB mas não sou espião"

Joaquim Letria, enviado especial em Hamburgo

págs. 8/9

"Dossier" Eleições

Província: a face escondida de uma campanha

págs. 4/7

As plataformas
dos 14 partidos

págs. 15/18



Hella Schlumberger e Guenther Wallraff
A «dupla» que ludibriou o chefe do MDLP

Hernâni Santos com homens do MDLP algures no Minho

pág. 10

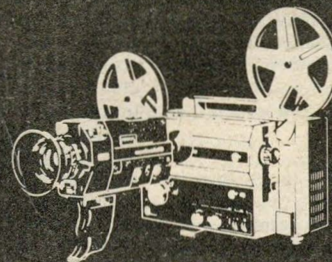


Emídio Guerreiro: "É verdade que há uma conspiração"

Entrevista pág. 19

eumig®

PROJECTORES DE CINEMA



MÁQUINAS DE FILMAR

BELTRÃO COELHO, LDA
Lisboa - Porto

Reportagem

Wallraff, o repórter

“Na URSS acusam-me de ser anticomunista...”

Joaquim Letria, em Hamburgo

Conhecido do público, estudado em universidades, discutido na Rádio, entrevistado pela TV, respeitado mesmo por aqueles que discordam dos seus métodos — eis o retrato «robot» que me foi possível traçar de Gunther Wallraff, o autor da controversa reportagem com Spínola, em Dusseldorf, publicada pela «Stern» e hoje largamente discutida também em toda a República Federal da Alemanha.

Encontramo-nos no átrio de um hotel, depois de um telefonema de Lisboa para Hamburgo, onde Wallraff se encontra temporariamente. Foi fácil reconhecê-lo pela foto que acompanhava a reportagem publicada pela «Stern». Pessoalmente, parece mais velho.

Não consegue esconder uma grande dose de tensão. Faz constantemente muitas coisas ao mesmo tempo: telefonemas, mensagens, recados, recebe amigos, encomenda água tônica — pretextos para interrupções sucessivas.

Sinto neste seu frenesim a vontade de ocupar o espírito. Da minha calma, gozo-o intimamente. Tenho o tempo a meu favor.

Anda para aí, Wallraff, penso para mim.

Anda para aí, que vais ter de responder a muitas dúvidas, e espero, longa, pacientemente, sem saber ainda que aqueles são apenas os primeiros momentos de uma conversa de oito horas, três das quais completamente

gravadas e com intérprete, por Wallraff falar mal inglês e não dizer duas palavras de francês.

Travamos, ao longo das horas que estivemos juntos, um longo jogo do gato e do rato, um pasatempo de argúcia.

Um socialista independente acusado na URSS de ser anticomunista...

Para abrir as hostilidades, como me compete pergunto:

— Wallraff, você é um espião?

— De maneira nenhuma. Ou melhor: sou um agente dos direitos do Homem, da paz e da felicidade. Actuo sozinho. É assim que procuro influir na sociedade em que o homem hoje vive, neste mundo. É verdade que utilizo os métodos da CIA ou do KGB. E isso não deve agradar a essas organizações, mas ficaria muito satisfeito se estes meus métodos contribuíssem para deixar de haver organizações como essas.

— É comunista?

— Não: sou socialista independente. Mas não sou anticomunista. Há dois anos, fui convidado para um Congresso de Escritores na União Soviética e aproveitei o ensejo para perguntar pelos escritores soviéticos que estão em campos ou nas clínicas psiquiátricas. Se vivesse na outra Alemanha, na RDA, talvez, nem publicasse os meus livros. Acho que um escritor ou um jornalista deve criticar o Poder. Quando disse aquilo na União Soviética acusaram-me de anticomunista também. Não é verdade, mas acho que esta deve ser a nossa actuação.

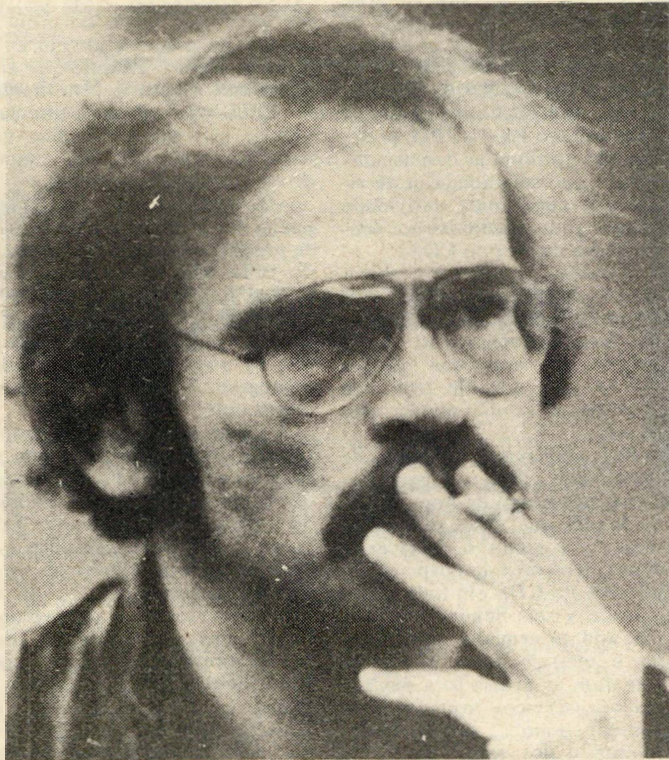
Criticar é defender os interesses da maioria e revelar as coisas que o merecem.

No meu país chamam-me esquerdistas; no seu país agora chamam-me comunista, e na União Soviética disseram até que era um agente do imperialismo. Mas eu sou socialista independente e definitivamente anti-imperialista.

— Procurou interferir em Portugal ou aqui na Alemanha, com a sua história de Spínola?

— Sou pela informação total. Portugal era uma história que estava a seguir. Vivi e trabalhei numa cooperativa no Alentejo, e propus-me escrever para a «Stern», sobre essa experiência. Não me interessa nenhum partido, nem nenhuma estratégia.

Interessam-me as pessoas e a maneira como elas procuram resolver os seus problemas no dia-a-dia. Fui para o Norte de Portugal porque sabia que as condições de vida eram diferentes. Quis ver como era e, então, encontrei o MDLP por toda a parte. O descontentamento empurrava as pessoas para o MDLP. Isso interessou-me. Estava longe de saber o que iria encontrar e, até onde iria chegar. Mas foi tudo por acaso. Spínola caiu em todo um processo que eu desenvolvi acidentalmente.



Wallraff, o repórter
A verdade total

Serviços secretos alemães souberam do encontro com Spínola

— Não pensou nas repercussões da sua história em Portugal, e se ela poderia prejudicar, por reflexo, a democracia em Portugal?

— Já disse que sou pela informação total e não escolho os momentos para publicar o que quer que seja. Simplesmente, neste caso foi mais complicado, pois tive de antecipar a saída da história na «Stern» uma vez que os serviços secretos alemães e a revista concorrente da «Stern», a «Spiegel», sabiam do meu encontro e podiam prejudicar tudo.

— Você está, de algum modo, conluído com o Partido Comunista Português?

— Isso é uma loucura. Nada tenho a ver com o PC. Procurei a ajuda deles ainda em Portugal, para confirmarem umas informações que tinha do MDLP, no Norte, e não me disseram nada. Até me trataram mal.

— Como explica a presença de Dias Lourenço, director do «Avante», na sua conferência de imprensa?

— Soube agora, por si, de quem se tratava. Na altura, soube que entre os 75 jornalistas presentes havia três portugueses, um deles que eu conheço pessoalmente, e que trabalha em Colónia, nos serviços portugueses da Deutsche Welle. No final da conferência, dei uma vintena de pequenas entrevistas desde a BBC até aos portugueses.

Se o PC enviou algum, ou o jornal do PC enviou alguém, foi certamente porque souberam que eu tinha informação que lhes interessava. Mas não sei como chegaram tão depressa a Colónia. Recordo-me, a propósito, de Spínola me ter dito que o PC tinha gente infiltrada no MDLP.

— Que pensa do PC Português?

— Não tenho que interferir na política do vosso País. Mas posso dizer-lhe que acho que o PC teve uma actuação errada,

aliar, através de uma arrogância prejudicial. Acabou por justificar, em alguns casos o anticomunismo dos que pessoalmente também condeno.

— Acha que a sua história pode ser utilizada para desequilibrar a situação em Portugal?

— Não vejo como. Só através de manobras que outros fazem com a minha história.

— Mas devia calcular que, ao referir gente do Conselho da Revolução estava a criar divisões graves na política portuguesa...

— Repito-lhe que sou pela informação total. Não conheço pessoalmente nenhum dos indivíduos que mencionei. Mas sei que os seus nomes foram ouvidos por mim repetidamente à gente do MDLP e ao próprio Spínola escutei a mesma coisa. Não me compete, portanto, fazer análises de situações. Revelo aquilo que sei, ou me dizem.

— Você ligou Spínola a Franz Josef Strauss. Com isso procurava interferir na política do seu país?

— Já disse que não me interessa onde posso interferir. Os contactos de Spínola com Strauss foram confirmados pelo próprio Strauss. Já lhe disse que escrevo aquilo que sei, que ouço, quando atinjo um grau de certeza suficiente para o fazer. Os reflexos não são comigo e nunca na minha vida me arrependi de ter escrito a verdade.

«Tenho provas e testemunhas do que escrevi»

— Já teve processos contra si?

— Muitos, mas nunca fui condenado.

Apresentei sempre provas do que escrevi. Como neste caso também tenho as provas suficientes. Testemunhas que até nem são sociais-democratas,

mas sim liberais, como o advogado dr. Meineck, e um professor de uma universidade que aparece numa das fotos com o rosto tapado porque não se quis envolver publicamente nisto, Hella Schlumberger, as fitas gravadas e as fotos. Quem me pode desmentir?

— Qual é o seu passado político?

— Militei unicamente na Juventude Social-Democrata, do SPD, quando era muito novo. Tive uma formação religiosa, fui católico até há poucos anos, altura em que rompi com a Igreja. Pelo menos, serviu para me apresentar como católico ao arcebispo de Braga...

— Se fosse português, em que partido estaria?

— Não me quero imiscuir na vida política do vosso país. Mas digo-lhe que gosto do MES. E gosto também de Lopes Cardoso. Conversei muito com ele, estou de acordo com a sua opinião e acho que é um homem muito sério, um verdadeiro socialista.

Spínola terá o apoio financeiro de Champalimaud

— Agora vamos a pormenores da entrevista com Spínola: qual foi a sua atmosfera?

— Muito elegante. Elegante e mórbida. Spínola mostra uma grande morbidez ao falar de política e dos comunistas. Mas o que mais me chocou foi a repetição com que ele insistia perante nós, que nos apresentávamos como amigos da direita, que nada tivera a ver com o resultado do 25 de Abril. Disse várias vezes que não tinha nada a ver com a evolução do processo. Ora eu tinha até muita admiração por Spínola, pelo que ele fizera em 74, pelo 25 de Abril. E isso desiludiu-me profundamente e fez que perdes-

Quem é Hella Schlumberger



Hella Schlumberger é filha de funcionários públicos, mas ainda parente afastada da família da bela mansão de Colares. Doutorada, autora de um livro: «As mortes políticas através da informação». Hella entendeu neste assunto de igual para igual com Wallraff.

«Não gosto de falar em emancipação» — diz-me —, sou tratada como uma espécie de secretária. Afinal, corro os mesmos riscos, fiz outras tantas perguntas, andei pelos mesmos sítios. Mas compreendo: Wallraff é muito mais conhecido do que eu.»

Hella publicou, recentemente, uma análise sobre a informação publicada, na Alemanha, acerca de Portugal. É ruiva, pequena, de olhos azuis e sensual. É casada. Gostou desta reportagem, que considera a primeira no estilo da sua carreira. E gosta daquilo a que chama jornalismo-literatura.

Wallraff: “Tenho três horas de conversa gravada com Spínola”

Na noite de segunda-feira passada, o caso Spínola encheu grande parte de «Panorama» — o programa mensal de informação da TV alemã — tendo sido apresentado logo a abrir.

Além de uma extensa entrevista com Wallraff, «Panorama» apresentou parte da gravação da voz de Spínola, durante o «rendez-vous» de Dusseldorf, em que se ouve claramente o antigo presidente dizer que podem enviar as armas pedidas para o Estado-Maior do Exército ou para a Guarda Republicana.

O som da voz apresentada como sendo a de Spínola não parece oferecer grandes dúvidas. Seria, ainda, de admitir que, tratando-se tudo isto de uma grande montagem, a voz poderia ser de um imitador. Mas Wallraff destrói esse argumento, que eu próprio apresentei:

«Teria de ser um grande imitador», disse. «Você ouviu apenas parte da gravação, mas tenho três horas de fita gravada. Como seria possível manter uma pessoa a imitar outra, durante três horas e, ainda por cima, criar todo o clima da conversação, que foi feita em português, francês e alemão?»

As três línguas são audíveis na gravação apresentada e, por vezes, parte da conversa aparece com fundo musical. Wallraff explica que isso aconteceu na sala do restaurante.

A reacção à apresentação desta entrevista no «Panora-

ma» foi muito forte, aqui, na Alemanha.

Eu próprio assisti à emissão, no gabinete do director do programa e, mais tarde, após a transmissão, na redacção de «Panorama», pude verificar como as secretárias e os redactores estavam ocupados com telefonemas de protesto. A maioria dos interlocutores de «Panorama» queixava-se pelo facto de a TV ter dado voz a um «comunista» como Wallraff, e outros diziam que Spínola tinha toda a razão em querer livrar-se dos «schwein kommunisten» («porcos comunistas») em Portugal.

Spínola: «Figura politicamente morta»

Gerhard Brott, o apresentador do programa, com quem jantei na noite de segunda-feira, após a emissão, confiou-me que acontece sempre assim. Brott, disse ainda que não teve dúvidas em incluir o assunto no programa por ter verificado que as fotos — que foram mostradas em grandes «close-ups», de diversos ângulos — não ofereciam dúvidas. Falando português, o dr. Brott disse também não parecer haver dúvidas quanto ao que Spínola dissera. Entretanto, o próximo número da «Stern» publica uma foto de duas páginas da chegada de Spínola ao Rio, na qual se vê Luís Oliveira Dias, atrás, na esca-

da do avião da Varig. Na foto, o ex-general mostra o mesmo casaco «sheep skin» e o mesmo chapéu com que foi fotografado em Dusseldorf.

No programa, Brott leu um comunicado de Strauss em que este admitiu ter-se encontrado com Spínola, em Munique.

No comunicado, Strauss diz que, depois desse encontro, não lhe restaram dúvidas de que Spínola era uma figura «politicamente morta» e que a sua acção obstinada prejudicava o estabelecimento da democracia em Portugal. Por seu turno, o secretário de Strauss admitiu que o bávaro se encontrara dessa vez com Spínola, além de mais duas, com Luís Oliveira Dias e Valle Figueiredo. Soube-se aqui, em Hamburgo, que o paradeiro deste último é totalmente desconhecido, tendo desaparecido da Suíça antes da expulsão de Spínola, julgando-se que se encontra actualmente em Madrid.

Wallraff diz, por outro lado, ter recebido informações, que não nomeia, segundo as quais os serviços secretos alemães estavam a par do encontro de Spínola com Strauss, tendo informado disso as autoridades suíças. Wallraff acrescenta que isso provocou uma vigilância maior sobre Spínola, na semana anterior à expulsão da Suíça, facilitando, por outro lado, a decisão de expulsar o ex-general tomada pelo Governo de Bona.



Guenther Wallraff e o arcebispo de Braga
Um repórter desencantado com o catolicismo

Como a "Stern" confirmou a reportagem

A «Stern» não é uma revista qualquer. Com um milhão e novecentos mil exemplares de venda semanal, a «Stern» é a maior revista ilustrada da Europa, escrita numa língua que, para além dos alemães, poucos falam.

De há cinco anos para cá, a «Stern» tornou-se numa importante revista política. Hoje, é grande a sua concorrência com o «Spiegel», que tem metade da tiragem. Os seus 200 redactores não pertencem a nenhum partido, embora a linha dominante da revista seja social-democrata. Há cinco anos, os jornalistas forçaram a empresa a aceitar um compromisso escrito em que cada redactor pode escrever o que entenda, desde que assuma a responsabilidade, sem interferência da direcção.

Publicada por uma das maiores editoras do mundo, a Gruner und Jahr, a «Stern» tem cerca de 200 redactores que são apenas uma gota de água no oceano da empresa, que emprega 5325 pessoas, das quais 1499 só em Hamburgo, num edifício de dez pisos sobre o lago Ulster capaz de fazer inveja à Gulbenkian.

Conhecida mundialmente pelas suas grandes reportagens, que originam escândalos políticos, a «Stern» nunca viu as suas histórias desmentidas, nem teve de perder

qualquer processo.

Converso com a direcção da revista sobre a «Stern» e os seus métodos, avalio por aí o impacto que tem na opinião pública. O fundamento da direcção da «Stern» para aceitar as reportagens é a sua grande confiança nos redactores, considerados entre os melhores da Alemanha.

Falo mais longamente com Peter Ebel, o chefe do serviço internacional e com o redactor Peter Lehmann, especialista em Portugal.

Conhecedor de Spínola, Costa Gomes e Otelo, desde a guerra colonial, onde travou esses conhecimentos, que mantém, diz-me Ebel: «A «Stern» é uma revista séria. Dou um exemplo: «o caso Lockheed». Temos as provas. E temos mais: sobre Bernardo da Holanda, temos provas que prejudicariam a sua vida pessoal, e isso entendemos não publicar. Nada tinha a ver com o caso e era o que chamamos **informação amarela**».

Ebel veio do «Spiegel». Trabalha aqui há oito anos e tem grande amor à «Stern», ao ponto de se arrelaxar segundo colegas, sempre que esta é batida pelo «Spiegel». Pela nossa conversa, apercebo-me de que estou à frente de um verdadeiro profissional, que põe a sua missão de informar acima de qualquer outro interesse.

Diz:

«E somos todos assim. Somos um bando de individualistas. Agora, criticam-nos por publicarmos esta história, dizem que estamos metidos num golpe comunista. Mas a esses respondo que só demos igual destaque a uma reportagem internacional quando publicámos as cartas de Svetlana Estaline. Por isso rio-me dos que nos criticam agora. Publicámos a entrevista de Oriana Fallaci com Cunha e um artigo em que se perguntava se os esquerdistas estavam a atirar o país para o caos. Somos independentes. Batemos tanto à direita como à esquerda. E o público aprecia-nos por isso. Destesta-nos por umas razões, adora-nos por outras. Não seguimos linhas de ninguém».

A rápida publicação que tiveram de fazer (aproveitando apenas 34 das 140 páginas dactilografadas da reportagem de Wallraff...) para evitar que o «Spiegel» publicasse a história envolveu um grande esforço de confirmação. Grandes ampliações de fotos de Spínola foram feitas a partir de centenas de imagens do arquivo para verificar as imagens a publicar.

Outro elemento de confirmação foi uma fotografia da sobrinha de Spínola, tirada em Paris, juntamente com o ex-presidente, o ano passa-

do. Os homens da «Stern» fizeram grandes ampliações dessa foto e conferiram traço por traço as feições de Maria Luísa com as da secretária que acompanhou Spínola à Alemanha. Ebel falou com o advogado Meinheck, a quem considera moderado e uma pessoa respeitável. As testemunhas foram interrogadas. A assinatura da credencial passada por Spínola a Vale Figueiredo e Oliveira Dias foi também ampliada e verificada através de uma dedicatória de «Portugal e o Futuro». A voz da fita gravada pela mini-«agra» de Wallraff foi comparada com discursos gravados de Spínola.

O melhor episódio é contado por Lehmann:

«Estive na Guiné-Bissau, em 1970. Foi aí que fiquei amigo de Otelo e da família. Otelo era o oficial de ligação com os jornalistas. Em Bafatá, parti uma perna e continuei a trabalhar, de perna engessada. Spínola havia-me concedido dez minutos, mas, condeu-se do meu estado e a nossa conversa acabou por ser de hora e meia. No fim da conversa, pedi-lhe um autógrafo no gesso da perna. Ele escreveu. Tenho uma foto dele escrevendo (mostra-me essa foto), e tenho outra foto em que a assinatura se pode ler. Pois até por essa assinatura verificámos a história».

se qualquer escrúpulo que pudesse ter ainda por ir atingi-lo pessoalmente. Mas contou-me uma coisa extraordinária: que só aceitaria ser Presidente da República portuguesa depois de ter reunido um Conselho de Família. Nesse conselho acho que aparecia Champalimaud. Soube depois pelo Oliveira Dias, que Champalimaud não gostava de Spínola por ser um velho teimoso e difícil, mas que no Brasil teria dito se Spínola levantasse um dedo o seguiria até ao fim do mundo.

— **Um ponto que não compreendo é como é que Spínola tendo homens nas Forças Armadas, como você disse, e com o armamento regressado das guerras coloniais, ainda necessitava de mais armas...**

— Spínola queria, desta vez, estar 110 por cento seguro, como ele disse. Queria uma acção rápida e não envolver os oficiais de que diz dispor. O Oliveira Dias e o Vale Figueiredo repetiram-me, muitas vezes, que Spínola era usado como figura de proa. Depois do golpe viriam outros, e estes deviam estar limpos.

— **Sentiu que Spínola era um homem sem outros apoios, que recorria em desespero ao seu auxílio, ao auxílio da organização fascista que disse representar?**

— Não. Ele tinha o apoio financeiro de Champalimaud. Isso garantiram-me os seus ajudantes.

Spínola rejeitou a sobremesa de morangos...

— **Na sua história, pós Spínola a beber champanhe. Spínola é abstémio e come cozidos e grelhados. Como explica o veado e o champanhe?**

— Isso tem que ver com o ambiente do nosso encontro. Decorreu na maior simpatia e solidariedade. Eram duas grandes organizações que se juntavam, que passavam a ter negócios em comum para o mesmo objectivo. Spínola bebeu uma única taça de champanhe,

o que até surpreendeu Oliveira Dias, que mo disse. E comeu veado com cerejas, segundo o hábito alemão, o que nunca tinha feito, como ele próprio disse. No final, rejeitou a sobremesa, que era morangos com creme, se isso lhe pode interessar. Falámos até, também, sobre veados, porque eu perguntei se existia essa espécie em Portugal. Disse que sim, nas terras do Duque de Palmela. O Vale Figueiredo até disse, na altura, que essas terras tinham sido roubadas e transformadas em cooperativas vermelhas.

— **Não falaram de outros políticos portugueses?**

— Sim. Spínola disse que no encontro com Strauss, em 20 de Fevereiro, tinham discutido o caso do PS. Spínola dizia que o PS podia ser tolerado, mas Strauss não concordou, dizendo que Soares era um comunista disfarçado.

— **Com isto você ganhou uma fortuna?**

— É verdade. Mas o dinheiro não me interessa. Vou mandar parte do dinheiro para a cooperativa «A União faz a Força», onde trabalhei em Portugal. Tenho uma velha casa e posso viver dos meus livros. Talvez até me retire.

— **A Associação de Solidariedade com Portugal, a que você pertence, é dominada pelos comunistas?**

— De maneira nenhuma. Há católicos, liberais, sociais-democratas e esquerdistas. Mas há fundamentalmente gente que ama a revolução portuguesa e que já enviou, desde o início, 80 mil marcos alemães para Portugal.

Espero que depois da «Stern» publicar a minha história sobre a cooperativa e a experiência que lá vivi enviemos muito mais.

— **Como e quando esteve em Portugal pela primeira vez?**

— O ano passado, fui a Portugal, a convite do Ministério do Turismo, através do sr. Moura, do Centro de Turismo de Frankfurt. Fui juntamente com um grupo de jornalistas alemães e foi nesse grupo que conheci Hella Schlumberger e decidimos, depois, viver uns meses em Portugal.

O MDLP confirma: "Fomos enganados"

Hernâni Santos, no Minho

«A primeira coisa que o alemão nos perguntou foi se podíamos dispor de 500 homens para actos de terrorismo no Alentejo. Depois, perguntou se o general Ramalho Eanes era subornável. Quando lhe dissemos que não, fez a mesma pergunta em relação ao general Moraes da Silva, aos brigadeiros Franco Charais e Pires Veloso e ao coronel Jaime Neves. Era evidente que ele trazia os nomes estudados. Desafiamos esse senhor Wallraff a apresentar as gravações que fez das nossas conversas — sim, sim, nós sabíamos que ele as estava a gravar. Se as bobinas forem apresentadas, elas serão a melhor prova das mentiras que ele anda para aí a escrever».

Sentado a meu lado, perfeitamente calmo, algures no Norte de Portugal («A única coisa que lhe peço é que não divulgue o local onde nos encontramos»), está Manuel Teixeira, membro confesso do MDLP e um dos protagonistas da reportagem publicada pelo jornalista alemão Guenther Wallraff, na revista «Stern», de Hamburgo (vide texto integral reproduzido, em exclusivo, no último número de «O Jornal»). Na referida reportagem, são descritos contactos havidos na região de Braga entre o autor e elementos do MDLP, os quais lhe teriam divulgado planos para um alegado golpe de direita em Portugal, após as eleições. Aqueles planos teriam sido confirmados, em 25 de Março último, pelo ex-general Spínola, que, segundo Wallraff, foi atraído a um encontro, em Dusseldorf, onde, julgando estar frente a representantes de uma organização direitista, teria feito, também, um pedido de armas e financiamento para o MDLP.

«Soube, ontem, de fonte segura, que esse jornalista alemão, ao contrário do que escreveu, nunca se encontrou com o general Spínola» — disse-me Manuel Teixeira.

No que se refere aos contactos e conversas mantidas por Wallraff, no Norte, antes de partir para a Alemanha, a versão do meu interlocutor revela discrepâncias, tanto ao nível do pormenor sem significado estrutural, como no que respeita a declarações que, a não terem sido proferidas, alteram consideravelmente a veracidade de certas afirmações graves, feitas pelo jornalista alemão na sua reportagem. Relativamente às questões de pormenor, surpreende que o trabalho de Wallraff esteja crivado de pequenas inexactidões. Com efeito, elas podem subtrair credibilidade a outras afirmações realmente importantes, risco que poderia ter sido facilmente evitado. Estranha incuria, portanto, de quem esteve, na verdade, no Norte, contactou elementos do MDLP e se fez passar, com êxito, por um direitista, cuja organização alemã estava desejosa de «ajudar a aniquilar o comunismo em Portugal», mais concretamente o PCP.

Contactos

Wallraff começou o seu trabalho em Braga, tendo-se dirigido ao café «Ídolo» em busca de contactos. Foi ali que encontrou Eduardo da Costa Pereira, que, conforme relata, o apresentou a pessoas mais importantes.

Ao chegar ao «Ídolo», verifiquei, primeiro, que, ao contrário do que afirma Wallraff, não fica perto da estação ferroviária, e, segundo, que estava encerrado há cerca de dois meses (quando o jornalista alemão lá esteve, ainda estava aberto). Encontrar o Eduardo não foi fácil, sobretudo porque Wallraff não me «ajudou»: bastava

ter-lhe publicado a alcunha e a minha missão teria sido consideravelmente facilitada.

«Sabe qual é o carro dele?» — perguntou-me um jovem a quem pedi ajuda. Lembrei-me do «Volvo» vermelho referido na reportagem da «STERN».

«Já sei quem é. É o «Correço» — exclamou, como se falasse do Arcebispo de Braga.

Não deve haver, na capital minhota, estabelecimento aberto depois das 22 horas onde o «Correço» não seja conhecido e receado. Quando, finalmente, o encontrei, disse-me, seco e em poucas palavras, para entrar no carro, que já não era o «Volvo». Arrancando em grande velocidade, explicou:

«É preciso trocar as voltas a uns meninos».

Detivemo-nos numa ruela escura, com as luzes do carro apagadas. Ao procurar uma posição confortável, pisei algo duro que rolou debaixo dos meus pés, mas não consegui identificar, mais interessado que estava em falar com o desconfiado Eduardo.

«Esse malandro desse alemão não me disse que era jornalista. Não foi leal. Fui bem enganado» — exclamou.

«Nesse caso, muito lealmente lhe digo que eu sou jornalista», informei, ao mesmo tempo que me identificava, «e que tudo o que você me disser é para publicar».

Concordou, começando por desmentir o que está, obviamente, errado na reportagem de Wallraff:

«Eu nunca lhe disse o meu nome completo, disse-lhe apenas que me chamava Eduardo. Portanto, alguém andou a informá-lo, até porque ele se dirigiu a mim, no «Ídolo», sabendo muito bem quem eu era, já vinha guiado. De resto, não me chamo Eduardo da Costa Pereira, mas sim Eduardo da Costa Oliveira. Também não tenho 26 anos, tenho 24; e a que propósito é que eu lhe ia dizer a minha idade? Outra coisa: ele afirma que eu tenho uma tatuagem que diz, «Lutei por ti, em Angola, Fernanda». Olhe, nunca estive em Angola, nem sequer fiz tropa — sou refractário.

Quando à tatuagem, que ele nem viu, diz, «Por amor de Fernanda», que é a minha mulher» — gritou, indignado, enquanto me mostrava as palavras gravadas a azul, no braço esquerdo.

«Bom, isso são pormenores, com a sua importância, mas são pormenores» — cortei. «E quanto à conversa que manteve com ele?»

«É tudo mentira. Juro que é tudo mentira. Que eu não volte a ver os meus dois filhos e que me nasça um cancro na garganta se é verdade. Ele veio ter comigo e começou a falar em 50 metralhadoras. Eu disse-lhe que não estava ligado a essas coisas, mas que podia pô-lo em contacto com alguém que talvez estivesse interessado. Foi então que o levei ao Teixeira, à Póvoa. Eles conheceram-se no restaurante «Pelintrá». Depois disso, só fui a um jantar, a Guimarães, e, mais tarde, voltei a vê-lo, juntamente com o Teixeira, no casino da Póvoa. Não sei do que falaram porque de inglês não sei nada».

Eduardo mostrou-se particularmente furioso com a alegação de Wallraff, segundo a qual o comandante da PSP avisara, pessoalmente, o meu interlocutor que o «Volvo» vermelho lava nas vistas, que tivesse cuidado.

«Está a ver, se o comandante acredita naquilo, a Polícia nunca mais larga» — desesperou o «Correço», perguntando:

«O senhor acredita que o comandante me protege, quando a Polícia faz cercos à minha ca-



«Snack» «Pelintrá» na Póvoa Encruzilhada do MDLP

sa, faz operações «stop» especialmente para me apanhar, entra de metralhadora em punho, num sítio qualquer onde eu esteja a comer, atravessa carros-patrolha à frente do meu carro e até me alveja a tiro?»

O comandante da PSP de Braga é o major Brandão. Posto perante esta questão, afirmou-me:

«Que eu saiba, nunca falei com o «Correço», nem o conheço. Conheço um irmão, porque há dias foi preso. Quanto a protegermos o Eduardo, é totalmente mentira. De resto, há um mandado de captura contra ele, mas sempre que tentamos deitar-lhe a mão, ele escapa-se. É esperto, não há dúvida de que ele é esperto. O problema dele é ser demasiado conhecido. Tem havido casos em que as pessoas não hesitam em atribuir-lhe furtos, arrombamentos ou qualquer outro desmando, quando, na verdade, ele nada teve a ver com o crime em questão.

Neste momento, o mal dele é ter-se metido com os comunistas. Acho que ele não pode ver os comunistas, e isso mete-o em sarilhos, mas em termos de cenas de pancadaria, que, geralmente, resultam em uma ou duas cabeças rachadas».

Eduardo da Costa Oliveira é um marginal. Condenado a 11 anos de prisão por ajudar a passar, clandestinamente, emigrantes para França, evadiu-se quando havia cumprido 36 meses da pena. Amnistiado após o 25 de Abril, regressou a Portugal, tendo levado, desde então, uma vida algo agitada e nem sempre «explicável». Já esteve, entretanto, várias vezes detido, mas nunca por actividades terroristas. Diz que compra e vende automóveis, ganhando assim a vida. Mas há algo mais. Quando lhe pergunto o que faz quando não há compradores para os automóveis, responde: «Se eu lhe dissesse, ficava a saber tanto como eu».

Expedientes

Considerar que os actos de Eduardo são propulsionados por uma ideologia política é um erro crasso. Ele é, sobretudo, um inadaptado que vive à base de expedientes, que fareja o dinheiro onde quer que ele esteja. A sua condição, por vezes desesperada, é ideal para ser explorada.

tético:

«Não, agora não tenho nada a ver com eles» — respondeu, desiludido.

«Agora?...» — perguntei.

«Já lá estive uns tempos. Mas, sinceramente lhe digo, não sei se era o MDLP ou o ELP ou lá o que era. Sei que conheci uns pides e ainda fiz um trabalho de passagem de armas para Portugal. Mas eles nunca me pagaram, voltei sem um tostão. Não posso garantir que fosse o MDLP, era uma organização dessas; mas não sei qual, não se falava disso».

Nervos e chá

Pedi-lhe que me levasse ao Teixeira. Aceceu. Metemo-nos no meu carro e seguimos para a Póvoa, para o restaurante «Pelintrá». Pelo caminho, Eduardo agarrava-se ao estomago. Perguntei-lhe se estava mal disposto, se queria que parasse. «São os nervos, é o costume» — respondeu.

Mais tarde, acalmaria com um chá. Chegamos à Póvoa, disse-me que ficasse no carro, que ele ia sozinho falar com o Teixeira. Voltou momentos depois, dizendo: «Ele pediu-me para lhe dizer que não estava. Portanto, não vá lá, vamos embora».

No dia seguinte, viria a saber que Manuel Teixeira estava com gente do MDLP, entrada clandestinamente em Portugal. Voltei a fazer nova tentativa, por outra via, desta vez com êxito. Encontrámo-nos à tarde. Denotando alguma preocupação, mas controlando-se bem, Teixeira disparou:

«Estou perfeitamente à vontade. Sou do MDLP mas não cometo ilegalidades. Como conheço pessoas importantes na Póvoa, limito-me a angariar novos aderentes.

Quero, também, dizer-lhe que o Eduardo não está nem nunca esteve ligado ao Movimento. Eu sim, talvez porque, tendo o 7.º ano, concorri a um emprego na Caixa de Previdência e não entrei. Sabe porque? Porque, não obstante me ter classificado nos testes que fiz, tinha um grande senão: não era comunista. Como vê, estou desempregado, como resultado.»

Teixeira, que aos seus próprios olhos não é fascista, «está» no MDLP porque o considera «o garante de uma verdadeira democracia em liberdade». De outra forma, «sairia logo».

«Já uma vez disse, em Braga, que o ELP era demasiado à direita para mim», explica-se ainda.

«E quanto à reportagem de Wallraff?» — interrompi.

«É verdade que falámos com ele é que fomos enganados.

Mas são falsas, na sua esmagadora maioria, as afirmações que nos atribui. Primeiro, não sou de Braga, sou da Póvoa; depois, não tenho 30 anos, tenho 25; não fui pára-quedaista, fui alferes-comando; não fui jantar com eles a Guimarães no meu próprio carro, porque eu nem tenho carro; o capitão Duarte não existe, existem outras pessoas que ele nem sequer inclui na reportagem».

«Como foi que os contactos se processaram?» — perguntei.

«O Wallraff e a mulher foram-me apresentados na Póvoa, onde se falou de tudo e de nada. Depois, fomos jantar a Guimarães, onde ele entrou a sério no assunto.

Disse-lhe que teria de os apresentar a pessoas mais importantes do que eu, o que fiz no meu apartamento, onde não se bebeu «whiskey» a jarros, porque eu tinha muito pouco, nem se fizeram brindes à eliminação de adversários.

Isso é fruto da imaginação desse senhor, como também o é a minha conversa sobre bombas e desejos de matar os comunistas. O MDLP não mata ninguém, nem eu o faria. Quanto ao cônego Melo, conheço-o de

nome, mas nunca o vi».

«E os três membros do Conselho da Revolução que estavam convosco?» — levantei.

«Estive presente a todas as reuniões e isso nunca foi dito. Pelo contrário, ele começou por nos perguntar se o general Ramalho Eanes era subornável. Quando lhe dissemos que não, fez a mesma pergunta em relação ao general Moraes da Silva, aos brigadeiros Franco Charais e Pires Veloso e ao coronel Jaime Neves. Na verdade, ele principiou por nos perguntar se podíamos colocar 50 homens no Alentejo, para acções terroristas. Dissemos que não fazíamos terrorismo, mas que podíamos dispor de 1000 homens para acções de segurança em todo o País. No entanto, como a conversa dele não nos estava a agradar, decidimos pedir o impossível: 1000 G-3 para os referidos homens, uma dezena de morteiros e algumas pistolas, que seria material para enviar para a central, em Madrid. Além disso, como temos muitos homens desempregados, pedimos 30 contos mensais para cada um deles, no primeiro mês, e 20 contos nos cinco seguintes. Era um total de 130 mil contos, o que nós sabíamos ser impossível; mas tentámos para ele dizer que não podia ou, então, que sim, e era material em caixa. Mas nós nunca falámos em golpe nenhum. O que ele fez foi somar à data em que estávamos os seis meses de ordenados que pedimos e, daí, concluiu que em Maio ou Junho íamos dar um golpe».

«Como pode provar que foi isso que disseram?» — desafiei.

«É fácil. Ele que apresente as gravações que fez das nossas conversas e aí terá a prova. Na última reunião que tivemos no quarto dele, no hotel «A Ver o Mar», notámos perfeitamente que a conversa estava a ser gravada. Se ele ouvir a fita, há-de lá estar a voz de um colega meu, que me chamou a atenção para a gravação, bem como a minha resposta, dizendo que o deixasse gravar, pois assim nunca poderia fugir àquilo que nós disseramos».

Perguntas

Sinto que há coisas que Teixeira não me diz, para além das respostas que abertamente recusa dar a certas perguntas minhas, como, por exemplo, quem são o «capitão Duarte» e os outros participantes das reuniões que o jornalista alemão não cita na sua reportagem. «São membros do MDLP que entraram em Portugal clandestinamente. Nem que eu vá preso, não os denunciarei». E conclui:

«Ele não conseguia convencer-nos totalmente, e cada vez estávamos menos interessados nas propostas que nos fazia. Decidimos, então, remeter o assunto para instâncias mais altas — para Madrid. Ele deixou-nos um número de telefone antes de partir. Julgo que esse número foi enviado para a central. O que depois se passou já está fora do meu alcance».

Posteriormente, foram feitas diligências para contactar outros intervenientes portugueses das reuniões com Wallraff.

No entanto, já não se encontravam na região. Pessoalmente, acho que não iriam acrescentar muito, mais aos depoimentos que consegui. Mas, por outro lado, talvez tivesse «pingado» algo mais que ajudasse a completar o que realmente se passou e foi dito entre os dois grupos. Com efeito, não tenho dúvidas de que algumas coisas — possivelmente, muitas coisas — importantes foram escondidas.

Mais por Manuel Teixeira do que por Eduardo Oliveira.

Seja como for, e perante o material recolhido, duas coisas saltam à vista: que Wallraff esteve no Norte e que os elementos do MDLP foram ludibriados e mordeados o anzol.